



Visado pela
Comissão de Censura

O Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

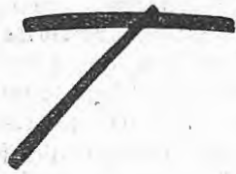
ANO XVI—N.º 410—Preço 1\$00
28 DE NOVEMBRO DE 1959

REDAÇÃO, E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

Pobres



TRANSCREVEMOS da Circular de ligação n.º 42 do Secretariado de Acção Social das Conferências de S. Vicente de Paulo, no Porto.
O que esta «folhinha» costuma trazer!—Fogo! Fogo que é consequência e causa, ao mesmo tempo, da acção viva do Secretariado!
Eu costumo chamar à circular a Namorada de «O Gaiato». Não leio mais nada que

os prelos dêem à luz com necessidade semelhante àquela com que a devo. Guardo-as todas como leitura de Horas que se passa e repassa com devoção.

Ora escutem o relato vivo de uma história que se repete vezes sem conta na vida dos «recoveiros de Pobres». Uma história que introduz a Caridade, lá, onde não resiste nenhuma outra forma de assistir que não seja em Deus e por amor de Deus.



Processo D-1

Data: 6-1-1953. Nota: Arranjou-se emprego para A.

Foi este o primeiro que inscrevemos no Secretariado e a sua colocação um dos nossos primeiros êxitos.

Janeiro de 1953... Tinha ele então 23 anos. O pai e a mãe viviam um para cada lado. E o pobre rapaz, abandonado a si próprio, inconstante em seus propósitos, fraco de vontade, tinha dificuldade em manter certo o rumo da sua vida.

Passaram-se meses. Surgiram dificuldades. Em Abril de 1955 entrou para o Lar de S. Vicente de Paulo. Aí esteve, contudo, pouco tempo, saindo em Junho por não se adaptar ao mínimo de disciplina que a casa exige.

Apesar de tudo, porém, ele ia-se mantendo no trabalho. Mas a certa altura não soube esperar e juntou-se com uma rapariga que tinha já um filhito de poucos anos, passando os três a viver num desses tristes quartos alugados aqui no centro da cidade.

Recomendámos então o seu caso a uma Conferência, com o objectivo de os preparar para o casamento e assim chegamos a Junho de 1956.

Então surgiu a catástrofe. O moço adoeceu e o médico não deixou logo qualquer dúvida: estava tuberculoso e impedido, por completo, de trabalhar.

Agosto de 1956. Ele continua doente. Mal alimentado, descuidado por tendência, e assim não dando atenção devida ao trata-

mento prescrito pelo médico da Caixa, vai piorando. Aconselhámo-lo a que requeresse o seu internamento e que para esse efeito voltasse ao Dispensário. Insistimos. Acabou por anuir.

Para resolver provisoriamente a situação expusemos o caso ao sr. Governador Civil, que lhe concedeu um subsídio que fomos administrando.

Entretanto e enquanto esperávamos o internamento do doente através do benemérito Instituto de Assistência Nacional aos Tuberculosos conseguimos que fosse recebido no pavilhão especial do Carvalhido. Julgámos o problema provisoriamente resolvido mas enganámos-nos porque, alguns dias volvidos, ele regressou ao mísero quarto em que vivia. Razão? Nenhuma. Que não se dava...

Surgiu finalmente a oportunidade da sua entrada no Sanatório Sousa Martins, da Guarda. Tratámos de tudo e para lá seguiu, esperançado na cura — para regressar dois ou três meses depois, sem qualquer motivo, sem nos dar uma explicação.

Voltamos a intervir. Ralhámos. Ele dizia-se arrependido e queria voltar. Assim, pedimos a sua readmissão ao Instituto e o nosso pedido foi deferido. Voltou para a Guarda, prometendo-nos que não voltaria a fugir.

Mas voltou. Não demorou muito que soubéssemos estar ele outra vez no infecto quarto em que vivia com a mulher e as crianças. E não tardou também que ele, acossado pela miséria,

continua na página dois



De joelhos, dou graças a Deus e bendigo os passos daquela Senhora de Lisboa que não teve medo nem das ruas escorregadias e sombrias, nem da nudez e miséria dos nossos Pobres do Barredo. Como me senti feliz naquela hora! Mais feliz ainda pela alegria que essa Senhora veio trazer à Aurora, da Rua de Baixo, n.º 2. Um monte de roupas para o bebé. Eu vi-as em cima da mesa. «Foi uma Senhora de Lisboa que veio cá trazer-mas». Quem lhe segue os passos? Os Pobres saem da miséria quando se sentem amados assim. «E saber-se que há tantos e tantas que deixam os seus filhos entregues ao pessoal e vão tardes inteiras jogar a canasta e nem sequer se lembram nem sabem que há tantos Pobres a socorrer». O nosso mundo de hoje está cheio de vidas vazias; esquecido das verdades fundamentais, melhor direi, da Verdade que se desdobra em pequenas parcelas ao longo da existência terrena. Só elas podem encher e dar rumo à nossa vida. Viver da mentira é muito mais fácil. Viver da ilusão de que tudo corre bem é mais cómodo. Remar contra a corrente é trabalho penoso. Por isso «tantos e tantas deixam os filhos e vão tardes inteiras jogar a canasta» e não sei que mais. Vejo nisto um esforço para calar a voz da consciência — Voz de Deus — que grita e pede a Verdade. O prazer adormece. Faz esquecer. É o reinado da mentira. Aquela Senhora de Lisboa quer a Verdade. Veio vê-la, melhor, vivê-la junto dos Pobres do Barredo. Bem haja.



Uma estrela começou a bri-

Casa de N. S. das Graças em Mondim de Basto. A revolução continua até que o ser humano seja libertado das desumanidades dos seus «libertadores» burocráticos!



abri os vossos corações para que a Luz da Verdade rasgue as trevas que vos impedem de Amar. É só dar o primeiro passo. Depois, não podereis resistir, na certeza de que quanto mais derdes mais tereis para dar.

continua na página dois

Eng. DUARTE
PACHECO

Os anos passam. A memória de quem nos quis bem permanece. Mais: de quem acreditou em 'Dai Américo' e na sua Obra antes dela ser a árvore frondosa que hoje é. Fé eficazmente demonstrada na confiante generosidade daquele «tome lá» sem peias, nem demoras.

Por isso, passam os anos e sobre o nosso Altar, permanece a recomendação do seu descanso eterno.



PATRIMÓNIO

dos Pobres

Chales de Ordins

A

CABO de assistir à entrega de um grupo de casas em Linhó, de Sintra.

A Câmara exigiu casas de primeiro andar e já de uma certa grandeza fora do costume.

Mas, superior à beleza das casas, está o trabalho de quem promoveu a construção. Estava presente a Irmã Religiosa que, com consentimento de suas superiores, foi a grande obreira e alma de tudo. Estava também um

representante do Senhor Ministro da Justiça que quis colaborar com a mão de obra dos presos das Cadeias Centrais de Lisboa.

Para mim foi uma consolação ver mais uma Religiosa metida nestes trabalhos de apostolado social e de profunda caridade cristã e uma prova de quanto estas forças vivas da Igreja podem fazer à volta de suas casas. Tem-se perdido tanto tempo e nem sempre se tem olhado de frente para estes problemas que nos rodeiam. As Comunidades Religiosas podiam fazer tanto neste campo! Ai fica um exemplo.

A atitude do Senhor Ministro da Justiça em mandar os seus presos para ali trabalhar é cheia de nobreza. Primeiro, há a recuperação profissional e sentido de cooperação social para os detidos; depois, a valorização e estímulo de aproveitamento do seu tempo. Sabemos que estes pontos têm preocupado muito o senhor Ministro e esperamos que todas as cadeias de Portugal tenham condições para ocupar útilmente todos os seus internados. De contrário, em vez de acabar com as que temos, haverá necessidade de construir muitas mais.

Confrange-me sempre muito passar por aquela região e ver tantos palacetes e tantos encantos de grandeza e, em contraste, tanta miséria encoberta e descoberta, a paredes meias com a alta sociedade. Tantos títulos de nobreza em famílias tão desfeitas e tanta inconsciência para famílias de vida heróica na sua pobreza e na sua honra. Cada vez tenho mais pena que na Costa do Sol vivam famílias portuguesas, sem conta, amontoadas.

x x x

As casas de Coimbra estão a ficar prontas e muitas pessoas me perguntam quando é o dia da inauguração; eu sorrio-me, sem saber que responder. Esperava que fosse no Natal, mas, as obras de esgotos e água e luz e arruamentos ainda não começaram. Sei que os planos estão prontos, mas os trabalhos são demorados.

Há dias fui à fábrica encomendar as placas para as casas. Atenção! Ei-las:

Casa dos Oficiais, Sargentos e Praças do Regimento de Artilharia n.º 2 — Coimbra; Casa dos Professores, Estudantes e Empregados da Universidade de Coimbra; Casa do Pessoal dos C. T. T.—Coimbra; Casa da Queima das Fitas de Coimbra de 1954; Casa Doutor Manuel Braga; Casa dos Empregados Bancários de Coimbra; Casa de Santa Isabel e Santa Lúcia; Casa de Meus Pais; Casa de Santa Zita; Casa do Liceu D. João III de Coimbra; Casa de Álvaro—o Correio de Coim-

bra; Casa da Auto-Industrial e seu Pessoal; Casa da Imaculada Conceição — Filhas de Maria de Coimbra; Casa de Santa Ana e São Joaquim; Casa dos Habitantes do Bairro Marechal Carmona; Casa das Fábricas Triunfo e seu Pessoal.

Ainda há duas casas sem dono. Quem levanta o dedo e as toma?

Tenho muita pena que não fique também ali a Casa do Clero da Diocese de Coimbra. Mas!...

Que cada titular vá já preparando alguma coisa para o recheio da casa. Temos de preparar e dar tudo. Com os Pobres temos de ser assim.

Pádre Horácio

POBRES

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA UM

aparecesse a chorar no Secretariado.

O tempo foi correndo e o moço ia piorando sempre. Mais uma vez tentamos o internamento, agora no Sanatório de Rodrigues Semide. Por lá esteve algum tempo — e de lá saiu, mais uma vez, sem nada nos dizer.

Finalmente, e apesar da gravidade do seu estado, foi ainda recebido no Sanatório de Mont'Alto, da Assistência aos Tuberculosos do Norte de Portugal, onde carinhosamente o acolheram e onde finalmente casou com a sua companheira.

Assim chegamos ao Verão do corrente ano. E com surpresa soubemos um dia, que ele, mais uma vez, regressara.

Bairro da Sé, Rua do Souto. Há aí uma albergaria. Um por-

BARREDO

continuação da página um

x x x

Na nossa missão de recoveiros dos Pobres aproveitamos todas as ocasiões que se nos oferecem para lhes inculcarmos hábitos que não tinham. Não é raro encontrar um casal mais os filhos a fazer vida normal no meio do lixo e do desalinho. Não admira. Nada os puxa. Pois se criados naquele ambiente porque não viver nele já que não experimentaram melhor? Graças a Deus que aqui e além vão aparecendo casinhas arrumadas, caras lavadas, roupas remendadas. Não falta o jarro de flores em cima de mesa velha e carunchosa nem o vaso com plantas, ao canto da janela.

Louvado seja Deus.

PADRE MANUEL ANTÓNIO

talzinho tosco, uma escada escura que geme quando subimos. Um corredor estreito. Lá no meio um quatinho interior onde mal cabe a cama e uma mesa pequenina onde chia a máquina a petróleo. O tecto é baixo, chegamos-lhe com a mão. E no entanto isto custa quarenta escudos por semana. Ai o fomos encontrar mais a mulher, que para tratar dele teve de deixar a casa onde servia.

Estava a morrer. Desta vez era o fim. Algumas hemoptises acabaram por arruiná-lo. A sua magreza confrangia. O médico — tinha sido o seu padrinho de casamento — procurou vencer a crise, mas nada já podia fazer. Ao quatinho escuro e triste subiu, porém, o Senhor. Recebeu os últimos sacramentos e ficou a esperar resignadamente o fim.

Uma tarde, porém, sentiu-se melhor e resolveu sair. Queria ver de novo o sol, respirar o ar livre, fora da quadra abafada onde morria. Insistiu. E a mulher ajudou-o a vestir-se e amparou-o até à rua. Mas logo ele teve de sentar-se, ansioso e aflito. Chamaram um táxi. O hospital. E aí morreu finalmente, algumas horas depois, longe da mulher e dos filhos.

Foi breve e triste a sua vida. Inquieto e inconstante, frouxo de vontade, era incapaz de seguir um rumo certo e assim pouco aproveitou do auxílio que desejamos prestar-lhe. E no entanto a sua vida, a sua vida breve e triste, deixou no mundo uma obra, pequenina, é certo, mas que a muitos prestou já um auxílio inestimável. Foi ele, o pobre moço, o primeiro que nos mostrou a necessidade de uma casa para albergar os ex-reclusos sem família. Foi ele o instrumento de que Deus se serviu para inspirar a fundação do Lar de S. Vicente de Paulo.



NSIAMOS todos pela vinda do tempo frio. É que as férias têm sido longas demais, para quem nunca as desejou. Queremos trabalho, muito trabalho. Queremos ver as nossas Pobres com as mãos ocupadas, com a alma sorridente no rosto, esperanças de que sempre lhes toca alguma coisa, para manter a Família que o Senhor lhes deu.

Não tem sido muita a correspondência recebida. Noutros anos tem sido outra a nossa vida. E pena

é, pois há Pobres que precisam de agasalhos. Há tantos que podiam vir em socorro dos nossos irmãos necessitados!... Pondo em prática esta ideia, alguém lembrou-se das Pobres da sua terra. Vai agasalhar 30. Lembrou-se, igualmente, do seu Pároco, em cujo coração paternal se repercutem as dores dos paroquianos mais pobres. Será ele o distribuidor. Em 1958, foram 4.000\$. Agora, a mesma quantia. Este senhor de Parada de Gonta está de parabéns.

Comungando no mesmo ideal, vai a Madeira, com uma carta cheia de delicadeza: «Junto lhe envio 1.500\$, pedindo-lhe o grande favor de me mandar, como todos estes anos passados, uma remessa dos seus lindos chales d'Ordins». Os nossos artesanatos são uma oportunidade para se fazer caridade. São porta sempre aberta para se praticar o mandamento do amor. Nós, interessados? Sim, e quem nos procura, tanto como nós. A Madeira, tão bela, deseja ataviar-se, mais ainda, com os «lindos chales d'Ordins». Nos outros anos eram 1.000\$, que, ora, passaram para 1.500\$.

Uma Vicentina da mesma ilha, tão amiga de Ordins, vem por duas écharpes. Com um vale de 300\$, fez a festa toda, sem esquecer 100\$ para a Casa de Jesus Misericordioso. Gosto tanto destas gotinhas! Os operários vão-mas absorvendo todas. A Ordins, chegaram mais 130 gotas, «mandadas por três Marias» e despachadas pelo Senhor Padre Carlos.

De Algés, um hino de alegria, a-propósito dum chale branco. Ora oiçam, por favor: «estou com imensa curiosidade de ver finalmente um dos famosos chales de Ordins. Este ano ofereci um a uma pobrezinha do Porto que eu visitava há anos como vicentina e com quem ainda me correspondo. O chale era branquinho, para o bebé e ela ficou doida de alegria com ele. Durante bastante tempo, em todas as cartas que me escrevia não se cansava de lhe tecer elogios». Das entrelinhas, transparece o amor que a Vicentina consagra à sua Pobre, não obstante residir, ora, em Lisboa. E ainda a gratidão da sua protegida. Os que fazem o bem são felizes.

Madalena (Gaia) e Mogadouro vão, de braço dado. E esta palavra de confiança: «alguma sobra que fique faça V. o que quiser».

Aquele que foi o primeiro a entrar nesta procissão não des cansa. É Ovar com um branquinho. Um Professor amigo

Agora, após a missa do sétimo dia, que o nosso assistente quis dizer, temos na nossa frente uma viúva e três crianças. Após a dor e o luto, a vida recomeça. Sofrimento, resignação e também, lá ao longe, uma alvorada de esperança. E para nós, os do Secretariado, as três crianças que ficam apontam-nos o futuro e dizem-nos que os nossos trabalhos vão continuar.

do Seminário de Teologia do Porto encontrou-me... e «quero três dos grandes».

Murtosa, uma vez mais, aparece, lamentando as férias. São 200\$ para um dos grandes, «ficando o restante para auxílio da mesma Obra». Covas-do-Douro é nossa conhecida. Torna. Faro anda por lá a fazer revolução. Já seguiram oito. Para o Porto mais outro.

De Lisboa, um hino ao amor: «estou a preparar um enxovalinho para uma criança pobrezinha, que espero estar pronto para o Natal. Quero que esse bebé seja aquecido com o calor da Vossa Obra». É um belo exemplo para tantas Senhoras, que podem dispor do seu tempo e dinheiro, em benefício dos Pobres.

Em Ordins, não há só écharpes e chales.

Lisboa vem também por duas camisolas para dois ardinas. Quem nos quisesse dar encomendas de camisolas — mas sem pressas — prestavam-nos um grande auxílio. É preciso que as Pobres que fazem chales ganhem gosto por mais este trabalho.

E a «chuva de romelões» continua. De algures, 50\$ «e que Deus o ajude muito, muito». Do Porto, pedido de orações e 20 para dois romelões. De Lisboa: «aqui estou a cumprir com o meu desejo forte de ajudar, com o que é possível, os necessitados». Foram 3 vezes 10.

A Casa de Jesus Misericordioso vai-se construindo, a pouco e pouco. Do Porto, sí-fões e toalheiros. De Carcavelos, material eléctrico. Da Comissão Municipal de Assistência 500\$.

Cores: branca, rosa, azul celeste, preta, azul marinha, castanha clara e escura, grenat, cinzenta e bege.

Preços: 125\$ (grandes), 95\$ (médios) e 65\$ (pequenos).

São só de lã. Não passe frio. Pedidos à Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares. Os vales serão pagáveis em Paço de Sousa.

E mais nada por hoje.

Padre Aires



Quando

em Lourenço Marques, empregou-se numa companhia de navegação alemã, que, anteriormente à 1.ª Guerra Mundial, tivera aqui um escritório, encerrado em seguida à entrada de

Portugal no grande conflito e reaberto após o termo deste. Américo travara conhecimento, a bordo do barco que o trouxera de regresso de umas férias na Metrópole, com um oficial de bordo. Este, não querendo continuar a vida do mar, pediu ao Américo para lhe arranjar um emprego em Lourenço Marques. Américo conseguiu a sua admissão na mesma companhia, e tornaram-se grandes amigos e companheiros de casa.

Passado algum tempo, despediu-se. O gerente era criatura irascível, intratável — ao que parece. E Américo não era pessoa que se ficasse, que não reagisse quando, no trato com ele, não se usasse de correcção, de boas maneiras. Deixou, pois, a Companhia, e o seu lugar veio, depois, a ser ocupado por esse seu amigo. Empregou-se, em seguida, na importante firma local, Breyner & Wirth onde teve curta permanência. E pouco depois deixava Moçambique, partindo para o Funchal, atraído pela grande amizade de um amigo, onde ainda trabalhou na firma Blandy Brothers. E dali, não muito depois, e definitivamente, para Portugal.

Anos volvidos, tivemos o prazer e a alegria de o ver de novo em Moçambique, já então Padre e numa curta visita, a angariar fundos para a sua Grande Obra.

Voltando ao amigo, seu companheiro de casa: era moço, e, portanto, dado a estroinices. Américo procurava ter mão nele dando-lhe bons conselhos, procurando afastá-lo da vida de patuscada a que se entregava... Mas... era rapaz, e fazia ouvidos de mercador... Américo repreendia-o, zangava-se. Um dia, o amigo, para se esquivar aos conselhos e reprimendas do Américo, e, sem dar cavaco, abandonou o lar... Fez a sua trouxa e... abalou. O Américo, inteirado do facto, dias depois, foi procurar o rebelde e obrigou-o a regressar ao lar, onde teria de continuar sob a sua vigilância e protecção... E o rapaz... submeteu-se. Pegou de novo na trouxa... e, obediente e conformado, aí vai ele.

Era assim o Américo. Um bom, um grande amigo, uma grande alma!

A sua Obra em favor dos Gaiatos sem eira nem beira, o seu interesse pelos pobres, pelos doentes, impuseram-no à admiração de toda a Nação Portuguesa.

Padre Américo tornou-se, com efeito, uma figura venerada, não só em Portugal, como nas Províncias Ultramarinas.

Quem o não conhecia em Portugal, mesmo só pelo que ouvia dizer dele, do que tinha feito e fazia em prol de tanta gente necessitada! Quantas crianças não foram arrancadas da vida de miséria que levavam, preservadas de um futuro negro, de expectativa sombria, levando ao desregramento, ao crime, se, antes, a tuberculose os não houvesse já minado e inutilizado de todo! E quantas famílias de gente pobre não vivem hoje confortavelmente numa casinha, depois de quase a vida inteira terem vivido em verdadeiras pocilgas, se não em coisa pior do que isso!

O que toda essa gente, todos esses necessitados enfim não devem a esse homem que tanto trabalhou por eles, que tanto esforço dispendeu em seu favor, que tanto cuidou de lhes proporcionar um relativo bem estar, uma vida simples mas decente, uma vida que nunca haviam sonhado disfrutar um dia!

A sua Obra teve naturalmente larga repercussão nas províncias Ultramarinas, especialmente em Moçambique, onde viveu alguns anos da sua vida, da sua mocidade, e em Angola.

E teve provas da admiração que lhe tributavam essas províncias, quando em 1952 as visitou.

Em Lourenço Marques teve uma calorosa recepção, que já mais se apagará da nossa memória.

A multidão de gente que o foi esperar à estação dos Caminhos de Ferro, quando chegou, a assistência numerosa que as suas preleções tiveram, uma delas realizada no vasto campo de desportos do Grupo Desportivo, que esteve literalmente cheio, foram uma prova de quanto a sua grandiosa Obra tocara os corações dos Moçambicanos, de quanto era por eles admirada.

Uma figura que se impôs só pela força do Bem.

«Os Encanecidos»

Recebemos carta de um dos «Encanecidos» com algumas rectificações que gostosamente damos à estampa. Do facto pedindo desculpa aos «Encanecidos» e estimados leitores:

«Já por mais de uma vez que no «O Gaiato» vi publicada um, já agora histórico, Alvará que por um grupo de bons amigos do Américo de Aguiar lhe foi enviado de Lourenço Marques para o Chinde, e em todas as publicações se mantém uma falha que seria bom remediar. É a seguinte: os nomes dos signatários são:

Raul Leite Spencer — Maquel

Dias Neves — Sebastião Jaime de Carvalho — Adriano de Carvalho — Jorge Augusto de S. Trigueiros — Luís da Fonseca — Rui Medina Vasconcelos — José Simões da Silva — Alberto Galhardo Barreiros — Gil Medina Vasconcelos.

Como se está a organizar em bases sólidas, a vida do Américo de Aguiar, parece-me interessante que os nomes das pessoas que

com ele privaram apareçam sem erros.

Num dos últimos números de «O Gaiato» vem a descrição do «Banquete» oferecido no Chinde, pelo Américo, aos rapazes que hoje são os «Encanecidos» e que então eram garbosos soldados. Pouco antes do repasto quis o Américo fazer uma fotografia com dois rapazes a que chamou os seus melhores Amigos. Como eu levava uma máquina fotográfica, tirei-a e guardo esta prova que lhe envio para o que entender que lhe seja precisa, mas pedindo o obséquio de ma devolver.

Desculpe-me, Senhor Padre Carlos estas mal alinhavadas linhas, mas elas são o desabafo dum dos «mais, senão o mais «Encanecido» do grande Padre Américo.

Adriano de Carvalho».

TODA a grandeza da criatura humana lhe vem de ter sido criada à imagem e semelhança de Deus. Quanto mais perfeita for essa imagem e semelhança mais humana será a criatura. É uma obra humana-divina. Humana porque Deus não dispensa nunca o trabalho do homem. Divina porque o homem sozinho é incapaz de a realizar. Deus trabalha quando o homem trabalha ou pelo menos quer trabalhar.

Este pensamento vem-nos à mente a propósito das cartas que temos diante de nós. Era de joelhos que deveríamos transpor para o papel estes pedaços de alma onde Deus trabalha, quem sabe se às escondidas. Deus é Amor. A Vida divina é Amar. Esta a Suprema felicidade de Deus. E o homem, criatura à imagem e semelhança de Deus encontra a sua suprema felicidade no Amar.

Não as podemos transcrever, na sua totalidade, mas vão uns pedacinhos. Esta veio de Moçambique: «Tendo eu e minha esposa prometido oferecer

uma casa para o Património dos Pobres logo que tivéssemos a nossa e, como isso por Deus se realizou, eis-nos a cumprir a promessa com um cheque de 12.000\$. São imensamente mais felizes agora. Há outros que vêm às prestações—pedras vivas alimentadas por uma grande Fé confiante que se traduz em Caridade. De Lisboa, 200\$. O dobro, das prestações de Setembro e Outubro. 20\$ poupados em tabaco, mais 20\$ pela conversão de um chefe de família. «Uma Maria» vai juntando as migalhas que pode; já mandou 3.000\$ e se Deus lhe der vida trabalhará por juntar outros três. Mais duas pedras para a «Casa António e Fernando». Somam já 4.700\$.

Agora um testemunho de amor filial: «Os meus queridos Pais vão fazer em 1966, se aprouver a Deus, as suas bodas de ouro matrimoniais. Era minha intenção oferecer-lhes nesse dia uma prenda valiosa. A melhor que encontrei é dar em seu nome e com os queridos nomes deles uma casa para o Património dos Pobres. Segue a 1.ª prestação — 2.000\$. Ditosos pais que souberam eriar e educar filhos como este. «Só cumprindo a promessa feita aos pés de Deus, no dia do seu casamento e está tudo dito».

E já que estamos em maré alta, mais esta que veio da cidade da Beira, na nossa África. É uma resposta à campanha das 50 casas: «...por minha parte com a ajuda de algumas colegas e companheiros de trabalho assumimos o compromisso de pagar uma casa. A nossa ideia está em marcha e com a ajuda de Deus contamos oferecê-la antes do Natal. Não cito nomes porque somos anónimos e uma só vontade nos guia: Ajudar». E a «Casa dos Amigos do Gaiato» começa a subir. Por certo antes do Natal fica concluída, pois já vieram 9.000\$, mais 1.500\$ do mês passado. «É a melhor prenda que poderíamos ter nesse dia». São estas explosões de Amor que já mais deixarão apagar a chama ateadada por Pai Américo.

Padre Manuel António



Hoje sinto-me feliz, profundamente feliz.

O Ti Freire, velho e hábil pescador de outros tempos, cegara de ambas as vistas e sofrera a amputação de uma perna. Em consequência, recolhera ao hospital e nele teimava permanecer por não possuir amparo algum de família que o recebesse. Um ser humano arrumado ingloriamente a um canto da enfermaria. Veio pela Páscoa para o Calvário.

Um médico perito e sobretudo muito nosso amigo, observa-o. E apesar de o pobre cego contar mais de quatro quarteirões de anos decidiu operá-lo. Resultado: o Ti Freire vê.

Ele que sempre foi optimista, agora é a alegria do Calvário. «Olha uma cadeira!» — exclamava ele aqui há dias, ao sair do quarto de banho, tão feliz como criança diante dum brinquedo. Ele é feliz e nós muito mais ainda. A maior alegria que podemos auferir neste mundo é a do bem praticado. Como aquele Senhor Dr. Torres deve estar contente, se eu já me sinto tão feliz, só em ter ido buscar o velhinho à Nazaré!

Ora na Casa do Gaiato não gozo menos contentamento.

O Zézinho de 3 anos, nasceu sem mãos e somente com um pé mas torcido. À deformação física, acresce o abandono dos pais. A mãe teve-o nos braços apenas durante escasso mês. O pai dele se descartou, entregando-o inocente à avó. Esta, expondo a pobre criança por feiras e romarias, fazia dela objecto de negócio. Era a condenação total a traste digno de comisseração. Bem haja, pois, quem se lembrou de no-lo entregar. Ele é o benjamim e ao mesmo tempo a alegria desta Casa de Beire. Anda o dia todo de colo em colo. No meu, creio que é onde mais se demora. Pelo menos às refeições não o dispenso a meu lado.

Ora, há dias, vou por aí abaixo direit ao Sanatório da Parede. E dou por bem empregadas as longas passadas. Vão operá-lo. Dar-lhe concerto ao pé. Rasgar-lhe o pedacito da mão de modo a formar os dedos. E adaptar-lhe pé e mão artificiais. Vai ser, esperamos, criança normal. Demais, é precoce. Tudo indica que temos homem inteligente e capaz de cumprir a vocação a que for chamado.

Sem ter feito nada, sinto-me radiante. Só por andar com ele ao colo do Alentejo para aqui, e daqui para a Parede e para onde for necessário!

Agora, os Senhores experimentem a pegar num desses mais pequeninos, seja ele criança ou adulto (desde que sejam tropeços à Sociedade todos são pequenos no Reino de Deus) tomem-no nos braços, dêem-lhe um beijo no rosto, carreguem-no até onde for preciso, percam o tempo requerido para que ele deixe de ser cepo morto, e verão como hão-de sentir intensamente a mesma alegria que eu sinto!

Padre Baptista



SETÚBAL

—Em primeiro lugar damos graças a Deus por já termos acabado a debulha do nosso arroz. Depois ao fazermos o exame de consciência daremos graças a nós mesmos pelo trabalho e esforço pessoal.

Leitores, o nosso passo mais estimado e mais esperado desde sempre foi e é o clube de futebol, mas como disse já está quase concluído, nós não queremos parar com os nossos saltos mágicos e então tivemos sem dúvida a iniciativa da fundação dum grupo recreativo, muito parecido, igual ou

e simplesmente feita com os olhos no Criador, para nada presta.

Recebemos ainda mais alguma roupa, para os nossos e vossos irmãos pobres. E da Luísa mais 300\$ para a campanha «Tenha o seu Pobre». 600\$ do Sr. Cruz referentes às mensalidades até ao fim do ano. Da assinante

—CONFERENCIA: O Júlio diz que o tempo está mau. Muito mau. Farta-se de abanar a árvore, mas nada cai. As chuvas. O frio. O bater do deute do Pobre. Os seus farrapos. As enxergas mal amanhadas. As telhas que deixam entrar a gélida água. As portas por onde penetra o vento. A



PELAS CASAS DO GAIATO

Ao terminarmos a debulha deste ano foi uma alegria. Os nossos rapazes trabalharam com a marca do sacrifício na face mas esta não era uma marca pequena, não; quem observasse esta labuta e visse um «gaiato» banhado em suor dizia logo: este rapaz anda a fazer um grande sacrifício. De facto os rapazes fizeram grandes sacrifícios mas intimamente com a ajuda de Deus cheios de alegria. Se não fosse aquela ajuda não seriam capazes de tal coisa. Depois de nos termos dado ao trabalho afectuosamente em união com Deus concluímos que agora podemos aliviar um pouco pois o arroz está pronto.

—Em nossa Casa começou mais um ano escolar. Agora com catorze rapazes a estudar temos muita dificuldade na aquisição de livros e outros materiais.

Quem tiver livros usados do curso nocturno e diurno da Escola Comercial e do 1.º ciclo dos Liceus não os deixe agarrar bolor. Mande-os para a Casa do Gaiato de Setúbal. Na Escola Comercial frequentamos o curso de serralheiro-mecânico, montador electricista e geral de comércio.

Vaquinha

BEIRE

—Sentimos muita falta do Rádio Televisão. Agora é que nos fazia um «geitasso» por causa do inverno, está muito frio e cá em casa era uma grande coisa. Vejam lá isso e mandem resposta por favor. Sim? Bem haja alguém que nos atenda.

—Estamos a chegar ao inverno. Como os Senhores sabem, temos cá muita rapaziada com frio, por isso não se esqueçam de mandar roupas e calçado, mas olhem que eu entro também na conta.

—Agora montou-se cá mais uma oficina de vassouras, escovas, etc. Por isso se alguém precisar, é fazer o favor de dizer que o resto é cá com a gente.

Zéquita

LAR DE LISBOA

Será possível? O Lar de Lisboa está a querer «Ser Gente». Vamos a ver se isso vai avante, Deus queira que sim, porque é só para o nosso bem.

Nós tivemos em Miranda uma reunião de chefes em que o nosso Lar foi representado pelo nosso próprio dito, Edgar de Oliveira Duque e por um obreiro do mesmo Lar, Jorge Gaudino Moniz Lopes. Estes dois, como todos, saíram de lá com novas leis e intenções, as quais devem ser impostas no nosso Império, «*Obra da Rua*» e executadas pelos seus habitantes que somos nós os Gaiatos. Devo levar ao conhecimento de todos os nossos leitores que depois da reunião nos passados dias 2 e 3 de Outubro, no Lar houve mais um salto em frente que para nós tem muitos benefícios. Eu vou explicar aos leitores o que se passa, mas até estou com medo que nos comecem a dizer aos ouvidos que nós copiamos por eles, isso é que não quero.

até melhor do que o grupo «Os Amigos do Pagode» que pertence aos rapazes de Paço de Sousa. Nós ainda não temos nome certo, mas já temos vários, dos quais há-de sair o mais indicado e desejado nome.

Voltando ao princípio: não quero que digam que nós copiamos por eles, mas eu vou dizer o motivo e quero que nos ajudem à nossa nova fundação. Nós vamos começar a juntar e a pedir desde já aos leitores que juntem connosco os papéis, garrafas, revistas e jornais já usados para nós poderemos arranjar dinheiro para a continuação da nossa nova iniciativa e para a compra de jogos, divertimentos e livros para os nossos rapazes do Lar.

Agostinho Coelho «Lampreias»

LAR DO PORTO

CONFERENCIA — Novamente o pobre desempregado, falado já várias vezes nas anteriores crónicas.

Este, está já empregado, assim como a sua esposa. A mulher ganha o suficiente para o aluguer e o homem o sustento da família. As crianças ficam numa ama enquanto os pais andam na labuta quotidiana.

Quanto ao primeiro caso faltam-nos apenas as roupas precisas para um decente emprego em escritório de Advogado e alguma também para a mulher, que faz carretos numa cartona-gem. Já não pedimos para os filhos, pois há dias chegaram umas pécitas, que logo lhes foram entregues.

Quanto ao mal espiritual, está em bom caminho, mas poderíamos ir um pouco mais além, se os confrades fossem mais. A carga não seria tanta e o proveito seria maior. Sim, caros leitores. Neste Lar temos quem por vezes se esquece de que fomos e somos pobres. Que vivemos das esmolas, principalmente dos necessitados e que, por tal motivo, somos convidados — ia dizer, obrigados — a fazer o que pudermos a favor do próximo. «Experimental e vede como Deus é bom».

Bons leitores não se esqueçam então da família que acabo de citar, a qual tentamos levantar da pobreza, ia dizer, da miséria, porque pobres pouco os há, o que existe agora, e por excesso, é miseráveis. Uns, por terem a menos; outros por terem de mais e não o saberem utilizar.

Temos uma necessitada que não chegou à miséria, talvez por lhe termos deitado a mão com tempo. Não sei! O que importa é que ela é apenas pobre e não miserável.

O mundo que procura a paz tão distante, tendo-a tão perto. Porque enquanto não te unires a Deus e ao próximo, jámais a conseguirás.

O inverno avizinha-se e as roupas já estão a chegar; uma senhora envia-nos de vez em quando pecinhas feitas de retalhos que arranja, mas uma pessoa apenas a servir legiões de crianças não pode dar vazão. É destas roupinhas que mais apreciamos. Vem de pobres, são pobres e vão para os pobres. Quem mais imita esta boa senhora? É claro, que ao entregá-las não fazemos festas nem mencionamos na rádio. A alegria deve ser apenas para as crianças contempladas, porque Deus é que há-de recompensar quem dá.

É mais cristão dar em silêncio, a modos que só Deus saiba.

Vestir as criancinhas caídas na miséria, não deve ser motivo de festa, mas talvez de tristeza e de vergonha por se ter deixado chegar os pobres até este ponto.

Toda a Caridade que não seja por

29.854 duas vezes 100\$; do componente da senhora Branquinha 50\$ e roupas para os netos, que já são 5 com mais um que está para nascer em breves dias, faz a meia dúzia. Quem manda um berço e roupinhas para a futura recém-nascida. Por intermédio da «Voz dos Ridículos» 110\$. Para uma doente do Barredo, mensalidade de Julho e Agosto, 15\$. Novamente para a campanha do Pobre, do assinante 14.305, 20\$. De uma anónima de Guimarães, 10\$. Ainda da anónima 7 de Maio, 20\$. E finalmente duma Josefa Dulce, 50\$ além das importâncias que nos tem enviado.

Não se esqueçam, caros leitores, dos nossos pobres, porque nós procuramos também não nos esquecermos de vós, nas nossas humildes orações. Seja Louvado Nosso Senhor Jesus Cristo.

Fernando Dias

PAÇO DE SOUSA

—MAIS Paço de Sousa. Mais duas coisitas para animar a coisada... Dores de cabeça para *todo o mundo*, inclusivé o Se Padre Carlos que quase sempre nos puxa as respectivas orelhas que até já estão grandes. Qual-quer dia até parecemos...

—TELEVISÃO — Quanto a Televisão 0,75... Ai que o negócio está mau!... Mas as nossas gentes não desanimam. Ainda não perderam a fé!... Vamos a ver se as coisas deixam de tremer!

—TIPOGRAFIA. A Tipografia. Mais Tipografia. Ela, mais ela, sempre ela. O mundo da Tipografia. Do bom e do mau, tudo daqui sai. O *Sepadre* Carlos calça, descalça e torna a calçar as tais botas. E às vezes até de cano alto!

As visitas são contínuas e nós todos animados. Todos são cicerones. Todos querem mostrar que percebem:

—Vá, fujam. Deixem trabalhar os mecânicos.

—Temos muito que fazer.

—Tenho de tirar vinte mil impressos.

—Oh pá, vai p'ra trolha! Já varreste o escritório?

—Olha, aquele já levanta cabelo, quem ver...

As máquinas novas são alvo de toda a gente. Todos ficam admirados e os nossos todos contentes:

—Vês, a Tipografia põe toda a gente *arrelampada!*...

—Aquele é uma máquina de filmar, não é?

—Não, não. É o teclado *Monotype*.

—São letras. Cada um, sua.

—Mas aqueles furinhos...

—Ah!...

—Então vocês não compram tipos?

—Pois não. Fundimo-lo aqui.

—Os homens sempre são muito esportos...

A *Monotype* é a menina dos olhos das gentes da Tipografia, do Senhor Padre Carlos e de quem nos visita. Não há dúvida que as nossas oficinas foram enriquecidas!

—MENINAS...

...E os meninos! São as suas visitas à nossa Aldeia, que causam os seus transtornos. Os que já começam a olhar para a sombra, a *sentir qualquer coisa*, ficam de cabeça no ar e nada feito.

Ora muito bem, muito mal mas é. Vejam lá se têm mais que fazer, porque às vezes *elas* vêm passear e em casa as coisas em desordem. Roupa que não se passa a ferro, que se cose... e as cabecinhas no ar, na lua, é o termo!

dura vida que ora se apresenta. ...E os corações dos leitores que se vão abrir!

—FUTEBOL. As nossas equipas, apesar de não terem perdido, andam um pouco por baixo. Andam à *Jaquim da cal*, conforme linguagem popular cá do hurgio! Vamos animar para ver se a coisa muda, quando não estamos tramados. O ganhar não basta. O que é preciso é jogar bem. O Desporto pelo Desporto, com toda a sua beleza. Com sua vida e alegria.

—VOZ DOS NOVOS. Toda a gente gosta da nossa «Voz» e a procura, perante nossa grande alegria. Anda um pouco atrasada. Por nossa culpa, dos colaboradores e do *Senhor tempo* que é muito importante. Vamos procurar corresponder à alegria com que nos têm distinguido. Fazer com que a «Voz»... seja *Voz*...

—S. SANTIADADE. O vento soprou naquela hora e ao Altar de Deus sobe João XXIII. Humildade que sobe. Justiça que se faz. O Povo que ama. O mundo que se torna melhor.

Parece que ainda foi ontem que soaram as trombetas e já passou um ano da Coroação de Sua Santidade. Em torno do Altar a enorme família de Gaiatos e o Pai ao Centro.

—FESTA. Trazidos pelo seu protector e nosso grande Amigo, estiveram no nosso salão de festas *Tono e Dino* que nos deliciaram com suas melodias e canções. A apresentação do locutor da Rádio Renascença Fernando Rocha a quem tivemos a honra de cumprimentar.

A todos os nossos agradecimentos e votos de muitos êxitos!

—UM DE NOVEMBRO! O sol daquele dia tinha-se escondido mais cedo. Toda a família reunida, juntamente com os do Lar do Porto. Acabou-se o magusto e vamos todos em direcção ao cemitério em romagem de saudade. Ver, ouvir, sentir o pulsar compacto de todos estes corações que dantes eram a escória da sociedade e hoje são o sol que nasce e brilha!

O mundo pode dar muitas voltas, progredir muito. Conquistar os espaços estratosféricos. Conquistar satélites. Pode semear-se heresia, o terrível joio do nosso tempo com o qual andamos de braço dado. Dama a quem constantemente fazemos a corte. Pode expandir-se a descrença. Porém, uma coisa é certa: a morte que pode ser morte. A morte que pode ser vida. O princípio do fim!

Todas as campos iluminadas. Flores. Muitas flores. Grandes, pequenos, novos, velhos, pobres, ricos. Todos são iguais, os estados é que são diferentes. Lá ao fundo está uma mulherzinha a chorar. A sua campã não tem número. Não tem uma vela para pôr ao seu filho que fora o único amparo de sua vida. Aspecto humilde. De lenço na cabeça. Acariciava umas pétalas brancas em cima daquela terra areenta. Por apresentar este ar humilde. O mais humilde de todas é que esta mulher rezava mais. O seu filho não tinha morrido. Ela *falava* com ele!

Toda a família se reúne em torno da campã de Pai Américo! Ambiente de Paz e quietação. Quando a morte não é morte, os mortos são a vida. Tudo nos falava ao coração. A alvura destas flores. As pedras musguentas. As almas cândidas dos pequeninos que saudavam Pai Américo. O ar familiar manifestado. O respeito. O doce crepitar das velas. Fechou a noite. Recita-se o terço. Um passo que se dá na vida. Uma esperança que baila nos corações. Uma luz que se acende. Um Pai que abençoa!

Daniel

Carta de um soldado

«Saúde e Bençãos do Céu, é o que desejo para toda a «nossa» família. Hoje como ontem, ela continua a ser o que por sangue me pertencia. A hora do correio é testemunho. É daí que tenho recebido a dita de saborear um carinho, um pouco da força que ainda na quinta-feira experimentei ao receber a Voz dos Novos e o Gaiato. Eu andava tão triste!... que me julguei voltado aos dias de solidão na cela. A noite seguinte, tive um sonho tão belo, tão salutar, que julguei experimentar o maior prazer em vida. Lembra-se do quadro que está no refeitório dos nossos «Batatas?» É S. João encostado ao Senhor, num gesto de mútuo carinho. Pois bem: quadro semelhante vi eu na noite de sexta para sábado. Não era o Senhor, nem o meigo rosto de S. João. Era o Pai Américo e eu. Sim. Era ele com o seu sorriso e naquele gesto de se abandonar ao abraço dos que lhe chamam pai. Não sei bem descrever a alegria que experimentei. Hoje, fui receber a Força contra o acabrunhamento que por vezes tenho sentido. Mesmo há bocadinho cheguei da Capela dos Franciscanos. Levei comigo outro soldado, um camarada que conforto em troca do seu. Foi ele mesmo que me deu o selo para escrever. Quando estava escondido atrás duma coluna da dita Capela, muito recolhido, eu esqueci-me de tudo, para rever o quadro que sonhei. Então, já me não senti sózinho. Deus estava em mim e eu n'Ele. Acordei quando o meu camarada me tocou no ombro a dizer-me que tínhamos que vir para o quartel. No domingo passado, encontrei um Ressuscitado, que continua a lutar para se conservar com o nome. Senti prazer em falar com ele, pois também ele reconhece que é belo ser-se bom sem opressões... Ele mesmo me contou, que tem tido muitas dificuldades, mas que tem saído delas por intermédio de meios honestos, e através de muitas privações e lutas.

No próximo sábado faço 25 anos, e portanto sou um «velhote». — Lembra-se de mim, sim? Aí na nossa Capelinha tudo é fácil. Envio-lhe uma folhinha dum cravo que recebeu a benção no dia de Santo António. O Pai Américo gostava muito de S. Francisco de Assis, e como tal, Santo António tinha o mesmo hábito. Vai uma folhinha também para o Se Padre Manuel, «mas não é para ele plantar nalgum bocado de terra que aí haja sem fruto».

